

Povos Indígenas no Brasil

Fonte

O Litoral

Class.:

Índios/Saúde

Data

05/12/92

Pg.:

SINRO 190

Por uma Antropologia da saúde e da doença na Amazônia

Denize Genuína da Silva Adrião

Na última década vem crescendo o interesse da investigação científica em torno da temática do conhecimento e prática médica das populações nativas da Amazônia, particularmente das sociedades indígenas no que se refere aos sistemas médico-terapêuticos tradicionais, às condições sócio-culturais e naturais sobre as quais se desenvolvem e operam e, principalmente, os recursos vegetais utilizados.

Na Amazônia, contamos com uma rica e complexa herança médica e farmacopéia das quais as culturas nativas são portadoras, principalmente no que se refere à vasta e variada flora amazônica. Mas, paradoxalmente, os portadores desta vasta tradição sofrem hoje em dia as conseqüências dos processos de transformação e destruição do meio ecológico, repercutindo de maneira negativa em seus estados de saúde. A acelerada desintegração das tradições culturais originárias da Bacia Amazônica é, hoje em dia, um problema que exige atenção urgente, principalmente levando-se em conta os efeitos da intensa colonização da Amazônia e do avanço vertiginoso das frentes de expansão que vão atingindo até mesmo áreas remotas da Amazônia Ocidental, como o Vale do Rio Negro (Alto e Baixo Rio Negro), por exemplo.

A intervenção de técnica da medicina ocidental, especialmente no que diz respeito ao atendimento de urgência e emergência, combate as endemias e prevenção de epidemias de conseqüências mortais para os indígenas, tem sido brutal e, muitas vezes, leva como conseqüência o aceleramento da destruturação cultural dos grupos indígenas. Por outro lado, também não são estudados de forma sistemática os tipos de medicinas tradicionais produto da interação índio/branco, ou seja, a medicina cabocla; nem tampouco o impacto das tecnologias médicas ou da farmacologia química ocidental na cultura regional, nas pessoas e seus relacionamentos.

Cabe à comunidade científica avançar no conhecimento das medicinas tradicionais (índigena, cabocla, popular), apreciando sua validade e formulando proposições para um melhoramento na aplicação da medicina ocidental nas sociedades tradicionais. Um estudo sistemático das doenças, representações e práticas de cura entre índios e caboclos é de grande importância por oferecer caminhos diversos ao entendimento do funcionamento de uma sociedade. Através deste estudo, podemos observar que as manifestações físicas, os sintomas das doenças não podem ser o único elemento tomado em consideração no estabelecimento do diagnóstico, "causas-subjacentes". O caráter exógeno da causalidade da doença deve ser levado em conta.

Na perspectiva antropológica, a doença não se reduz a simples desordem biofisiológica, ao contrário, está relacionada a todo um

suporte cultural do qual emerge. As regras de uma sociedade muitas vezes explicam como o doente pode ser o responsável por sua doença, provocada por uma conduta socialmente ou ritualmente desviante, quer dizer não respeitando as regras da sociedade, o que leva a ativar os espíritos, os ancestrais, etc., por exemplo.

A doença, nas sociedades tradicionais, se integra num dispositivo de explicação que remete ao total das representações do homem, das suas atividades na sociedade, dos seus grupos sociais de referência e do seu meio ambiente natural. Os "fatos da doença" não constituem um setor autônomo circunscrito, igual ao que se define nas sociedades ocidentais como "sistema biomédico", mas existe uma estreita relação entre os "fatos da doença", a ordem social e a ordem do mundo. Assim, a medicina tradicional responde a outras finalidades que o simples tratamento dos sintomas.

A doença é, deste modo, um modelo de interpretar através do estado de crise que ela revela, o próprio funcionamento de uma sociedade.

Neste contexto, propomos um discurso dialógico entre a medicina tradicional (índigena) e a medicina ocidental: através de uma antropologia da saúde e da doença na Amazônia permitir-se o resgate de crenças práticas que estão ameaçadas pela introdução e pela competição estabelecida pela medicina ocidental e, também, pelas suas aplicações notadamente na revalorização das medicinas tradicionais e no estudo das possibilidades de complementariedade entre estas práticas (medicina ocidental x medicina tradicional).

O aspecto inovador desta proposta consiste no fato de promover investigação, no campo da saúde, com a participação direta e protagônica de investigadores procedentes das mesmas comunidades estudadas. O discurso que propomos leva em consideração o saber indígena, caboclo e popular que naturalmente estão fora da discussão dos problemas de saúde e doença na região.

Nesta perspectiva, realizei no âmbito do DCH-Antropologia do Museu Paraense Emílio Goeldi a pesquisa "Relação saúde e doença entre índios e caboclos em Barcelos - Rio Negro/AM", onde procuro retratar a pluralidade de conhecimento e de práticas entre os habitantes desta região que vivem, ainda hoje, o encontro de etnias (índio e branco). Observa-se que lendas populares, crenças de cura através de rezas, chás, ervas e óleos naturais fazem parte da vida cotidiana e que explicações terapêuticas, muitas vezes são fornecidas através de tabus alimentares, presságios, punições por "pecado" etc., no centro urbano.

A autora é mestre em Antropologia, bolsista de Desenvolvimento Regional do CNPq/MPEG, e realiza pesquisa no âmbito da antropologia da saúde.